

Circularidade das Vozes e Escrituras

Org. Beliza Áurea de Arruda Mello (organizadora)

Editora UFPB, João Pessoa, 2017, pp. 49- 61

UMA “POESIA-MÚSICA”: PORQUE NÃO ?

O TOM THUMB’S ALPHABET, O ABC DAS VIRTUDES DE NOSSA SENHORA, A CARTILHA DE ABC

Véronique Le Dü da Silva-Semik (IELT)¹

RESUMO :

No *Tom Thumb’s Alphabet*, no *Abc das Virtudes de Nossa Senhora* e na *Cartilha de Abc* : obras poéticas que pertencem ao grande corpus da literatura oral, a poesia e a música fusionam. De fato, estas obras poéticas de onde emergem “as vozes” do passado como explica Paul Zumthor, também transportam e comunicam o ritmo de uma determinada língua. A voz como um instrumento de música (son, frequência, intensidade e timbre) expressa os textos numa performance (corpo) que se desenrola num tempo e num espaço único. Exercem assim uma função pedagógica para a comunidade que os ouve. São poemas funcionais. Ademais estas três criações poéticas são criadas a partir de num elemento gráfico (visual) que também se torna son. O ritmo é formulado externamente e internamente pelo alfabeto criando uma dialética entre o visual e o sonoro. Assim, a poesia produz a música e a música é poesia.

PALAVRAS-CHAVE : Abc poético ; Literatura Oral; Música ; Ritmo, Voz poética

¹. IELT, FCSH, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa. veroniquesemik@gmail.com.

[...] Poésie-musique, pourquoi pas ? l'expression graphique de la plupart des œuvres poétiques ne fait-elle penser à la musique par sa disposition en lignes spécialement organisées, les vers avec ou sans majuscule initiale, et leurs rimes, miroirs terminaux reflétant la dernière syllabe d'un vers précédent, des lignes en longueur égale ou inégale porteuse de rythmes et de durées, et tous les artifices graphiques et typographiques, taille, corps, styles, polices de caractères avec leur dessin propre, blancs, espaces, décalage à droite, à gauche, centrale du texte, le tout pouvant faire penser à une partition [...]. Il faudrait ouvrir le débat sur l'ultime manifestation de l'expression poétique: oral, écrit. [...] l'éventuelle musique du poème (issue à la fois de la forme et du contenu) ne lui confère le sacrement de poésie. [...] Ainsi la voix humaine considérée comme instrument de musique, même lorsque la musique se réduit à la mélodie de la phrase (du vers) [...]. (REBOUL, 1996, p.7 – 8)

Dizer que a poesia é a música ou evocar a ligação entre a poesia e a música pode parecer uma afirmação que já se tornou lugar-comum. Ora, Edmond Reboul na citação acima revela claramente que a poesia e a música convivem em simbiose. Ou melhor, uma é constitutiva da outra. Ele expõe de modo claro, o trabalho da criação poética que se desdobra através de escolhas - semânticas, retóricas, versificações – e, que suscitam os sentidos. A visão e a audição identificam a energia da “poesia-música” criando uma partitura peculiar instrumentalizada pela voz. Quanto ao filósofo francês Gaston Bachelard citado por Marie-Pierre Lassus (2010, p. 123) o mundo realiza-se pela sua “sonoridade” e toda a existência é “existência das vozes”. Compara a poesia com a música e acrescenta outra especificidade mostrando que uma das funções do texto poético e também do texto musical, é de terem a capacidade de levar todo o Ser ao devaneio: “a principal função da poesia (e da música) é de suscitar a atenção abrindo os ouvidos às múltiplas vozes que surgem de uma fonte interior, põe-se então à escuta da nossa subjetividade”². Simona Pollicini explica que o poeta Yves Bonnefoy estudando a origem da palavra poética reconheceu que a poesia e a música se encontravam na linguagem. Segundo ele existe um “besoin de musique dans l'expression verbale” (2011, p. 39). Enfim, a “poesia-música”

². LASSUS, M.-P.. *Une philosophie des silences et des timbres*. Villeneuve d'Asq. Presses Universitaires du Septentrion, 2010, p. 123. *La principale fonction de la poésie (et de la musique) est de nous faire tendre l'oreille vers ces voix multiples surgies d'une source intérieure pour nous mettre à l'écoute de notre subjectivité.*

saindo do aspecto totalmente estético é uma obra social e cultural. Segundo Paul Zumthor, é “o espelho e a interpretação de um estado da sociedade : o espaço de tensão entre o real e uma imagem ideal”³. O texto poético então é “vocalizado”, é expresso corporalmente através de uma performance que institui um espaço e um tempo exclusivo no qual a vida social é entendida e compreendida por aqueles que a “ouvem”. Assim, claramente como a música, a poesia tem seu ritmo interno e externo: ritmo do movimento do verso, ritmo corporal, ritmo cultural, ritmo da própria existência da obra. Suscita reações (positivas, negativas, neutras), envolvendo todos os sentidos e leva ao devaneio. Também produz significados culturais e sociais. Tantos elementos que são “incorporados” para serem reatualizados pelos seus “co-autores” pela voz : [...] alors la voix devient instrument, le poème musique et la musique poème”. (REBOUL, 1996, p. 8)

A partir destas considerações é possível apresentar o Abc poético, também chamado acróstico alfabético, como uma forma poética peculiar que envolve três dimensões - a relação entre a “visibilidade” do texto e a sua “oralidade”, a sua função estética e a sua função social. Estas três dimensões se interpenetram e são totalmente regidas pelo alfabeto que fundamenta o texto externamente e internamente criando o ritmo da obra.

O Abc poético é uma obra poética, estrófica composta segundo a ordem do alfabeto de “A a Z” ou de “A a Til”. As letras do alfabeto estruturam o texto poético oferecendo ao seu ouvinte uma teia mnemotécnica que edifica uma engenhosa partitura feita de letras, de repetições, de aliterações, de assonâncias, de pontuações e rimas. Esta parte da escritura ao ser “oralizada” e incorporada numa performance produz ritmo – o ritmo do “dizer” – ecos, faz emergir do passado vozes tradicionais (provérbios, citações, alusões e discursos diretos) cujos sentidos são identificados pelas comunidades e pelas culturas. O texto poético é reatualizado no tempo e no espaço pelos seus “co-autores” o que explica a “movência” (ZUMTHOR, 1972, p. 93) dos Abc poéticos compostos na Europa e reatualizados no Brasil e nos Açores por exemplo. Penso num texto inscrito num folheto de cordel impresso em Portugal no século XIX, *Primeiro A.B.C.* (SORJAS, s.d., p. 2) que foi coletado oralmente e cantado na Paraíba no começo do século XX com o título *A.B.C. dos Amores*. (FONTES; ARMISTEAD; KATZ, 1997, p. 382 – 383) Em 1977, *O Abecedario do Amor* (FONTES, s.d., p. 350 - 354) é coletado na Ilha de São Jorge nos Açores a partir

³. ZUMTHOR, P.. *Essai de Poétique Médiévale*. Paris. Edition du Seuil, 1972, p. 34. “La littérature est donc à la fois le miroir et l’interprétation d’un état de société ; lieu d’une tension entre le réel et une image idéale [...]”.

de um folheto de cordel cuja origem é desconhecida. Suas variações revelam o caminho da memória cujas “matrizes” escritas e orais são conhecidas, reconhecidas e integradas pelos seus “co-autores” viajando no tempo e no espaço.

	<i>PRIMEIRO A.B.C.</i>	<i>ABECEDÁRIO DO AMOR</i>	<i>A.B.C. DOS AMORES</i>
	<i>Adorada prenda minha Sol e lua a quem venero, Neste ABC dos Amores Te digo quanto te quero</i>	<i>Adorada prenda minha Sol e lua a quem venero, Neste ABC dos amores Te digo quanto te espero</i>	<i>Adorada prenda minha Sol e lua a quem venero, Neste ABC dos amores Te digo quanto te quero</i>
A	<i>O A é só pela ausência Que tenho do meu amor ; Eu passo cruéis tormentos Eu sinto uma grande dor.</i>	<i>O A é pela ausência Tenho eu do meu amor ; Eu passo cruéis tormentos E sinto uma grande dor.</i>	<i>O A é pela ausência Que tenho do meu amor ; Eu passo cruéistormentos Eu sinto uma grande dor.</i>
B	<i>O B é pelo brincar Eu contigo nalgum tempo ; Muito nos hà-de custar O nosso apartamento.</i>	<i>O B é pelo brincar Eu contigo nalgum tempo ; Muito nos hà-de custar O nosso apartamento</i>	<i>O B é pelo brincar Eu contigo nalgum tempo ; Muito nos hà-de custar O nosso apartamento</i>
C	<i>O C é p'ra ser constante Bem constante eu tenho sido <u>Adorada prenda minha</u> <u>Desvelo do meu sentido.</u></i>	<i>O C é pela constância Bem constante <u>tenho sido</u> <u>E me fores outro tanto,</u> <u>Tu nisso será comigo.</u></i>	<i>O C é ser constante Bem constante <u>tenho sido</u> <u>Adorada prenda minha</u> <u>Desvelo do meu sentido.</u></i>

Esta forma poética tradicional se inscreve na história de textos orais e escritos do Oriente e do Ocidente não exigindo a sua fixação em qualquer suporte escrito. A sua estrutura é musical e ritmada pelo alfabeto. O Abc poético pode ser cantado como nos salmos, ritmos, hinos, modinhas ou também em cantos fúnebres (*Incelências*, por exemplo), recitado ou lido como na literatura oral e na literatura de cordel portuguesa e brasileira (A.B.C. de cordel). Sua forma ou sua função não exige nenhum suporte físico preciso (papiros, manuscrito, papel). A única exigência é ditada pelo alfabeto. Ele estabelece uma tensão poética incitando a voz a expressar o texto num ritmo determinado que produz um sentido. Neste caso, o ritmo serve de orientação marcando a linearidade do texto poético”. Surge

uma “retórica alfabética” peculiar cuja função é totalmente instrutiva e laudatória. Ligada à vida social e religiosa, esta “poesia-música” funcional louva Deus, a Virgem Maria, os Santos, uma amada, o amor, as mulheres, um objeto, um acontecimento, uma pessoa notável...encontra-se registrada no corpus poético-musical hebraico e cristão mas também no corpus poético-musical profano. Atravessou a Idade Média e chegou na Península Ibérica onde foi composta por letrados como Juan del Encina, Lope de Vega, Fray Paulino de la Estrella, Luís de Camões mas também por autores anônimos⁴. O Abc poético entra na memória através do “ouvido” transformado-se a cada performance individual ou coletiva. Atravessa os oceanos e chega no Brasil onde será publicado na literatura de cordel. Neste espaço-tempo, o A.B.C. de cordel é vocalizado por poetas populares habitados pela poesia oral como mostra claramente estas duas versões do *A.B.C. de Lucas da Feira*. A primeira foi composta por Sousa Velho (CAMPOS, 1957, p. 172) e a segunda escrita e publicada em folheto de cordel pelo poeta popular alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante. (CAVALCANTE, s.d.)

A.B.C. de Lucas da Feira
(VELHO)

I

Intrega-te, negro Lucas!

Que hoje chegou teu dia.

Segura-te às tuas armas!

Cadê tua ventia ?

[...]

A.B.C. de Lucas da Feira
(CAVALCANTE)

I

Infeliz do negro Lucas

Que deixa sua Bahia

Para morrer enforcado,

Já que chegou o seu dia...

Morre o negro e deixa a fama

Que não bancou covardia!

[...]

⁴. Muitos Abc poéticos foram compostos por poetas anônimos mas também por santo Agostinho, santo Hilário de Poitiers, Angibert, Gautier de Rome, Venance Fortunat, Coelius Sedulius, Maître Asselin du Pont, Ferrant, Plantefolie, Guillaume de Diguleville, Geoffrey Chaucer.

De fato, esta forma poética tradicional – o Abc poético - elabora um engenhoso diálogo entre a escrita e a oralidade, entre o visual e o sonoro. Convém repetir que a regência da obra é cumprida pelo alfabeto. O texto poético alicerça num elemento gráfico ou seja na letra do alfabeto hebraico num primeiro tempo e depois no alfabeto latino de “A a Z” ou de “A a Til”. A estrutura alfabética facilita a aprendizagem do poema porque ordena um grupo simples de signos acessíveis aos ouvintes. Estabelece um índice e uma lista que organiza um conjunto enciclopédico onde surgem imagens conforme o tema escolhido. Cada letra do alfabeto abre esta janela de imagens. O ritmo de significados vai se formando oriundo do material sonoro sobre o qual o verso se constrói pouco a pouco. As hipérboles, os jogos de sons, jogos de equivalências e ecos orquestrados pelo alfabeto e oriundos da retórica e da estilística reforçam a musicalidade do texto e celebram o tema. Logo se percebe-se através do corpo uma melodia singular e única. No poema composto no século XVI pelo espanhol Juan del Encina, *Juan del Encina a una dama que le pídio una cartilla pra aprender a leer* (DUTTON, 1999, p. 30) o alfabeto ritma a dor e a paixão do “eu lírico”. O som da letra associado ao sentido das palavras traduzem a energia do “amor-paixão-dor”.

Y es la **h** el sospirar
Que siempre, siempre os embío,
La **i** vuestro nombre y mío
Indino de se ygualar.

O **H** evoca o *sospirar*. A repetição da palavra *siempre* (sempre) que segue a palavra *sospirar* dá a impressão de um tempo que se prolonga. A letra **I** sugere a dor. Repetida 11 vezes também dá cadência e tonicidade à estrofe.

O ritmo também pode ser criado pela repetição de uma palavra como o *A..B.C. do beijo* (LEITE, s.d.) impresso num folheto de cordel escrito pelo famoso poeta popular paraibano José Costa Leite. A palavra beijo e seus derivados são repetidos 47 vezes. Na estrofe **Z**, ela pontua o verso e esta acompanhada da aliteração /K/ intensificando e enfatizando o sentido através do ritmo marcado e regular. Pode-se observar também que beijo aparece como substantivo e portanto terminado pela letra **O** e também como verbo terminado pela letra **A**.

Z

Zelo a donzela que beija

Beijo e faço que não vejo

Quem beija sente prazer

Quem não beija sente desejo

Quem dá um beijo resiste

Quem não beija vive triste

Eu vivo atras de um beijo.

Na música o ritmo é a sucessão de tempos fortes e tempo fracos. Na prosódia, a entonação e o ritmo são criados pelos elementos que caracterizam a linguagem como acentos e sílabas. Meschonic admite a relação entre audição, articulação, escrita e leitura mas também vê na prosódia a inscrição do sujeito na linguagem individual e social porque carrega consigo significados (POLLICINE, 2011, p. 36). Nos Abc poéticos o ritmo é constituído pela língua que ‘vocaliza’ o texto mas também pelo alfabeto que impõe uma cadência externa e interna com um começo e um fim previamente estipulado : de “A a Z” ou de “A a Til”. Um movimento uniforme e tônico vai progressivamente criando o texto poético e dando apoio à memória: a letra do alfabeto anuncia o verso e faz emergir outras palavras que começam pela mesma letra. Surgem os apoios mnemotécnicos. Nos exemplos abaixo pode-se perceber claramente que a tonicidade do verso é criada pelo alfabeto. Escolhi estes poemas porque foram cantados e porque as partituras estão disponíveis. São Abc poéticos nos quais as letras anunciam versos e não as estrofes como nos exemplos citados anteriormente.

O primeiro poema é um Abc poético oriundo da tradição oral inglesa. *O Tom Thumb’s Alphabet* (OPIE, 1997, p. 106) é uma obra cantada composta para crianças, ela pertence à tradição dos *Nursery Rimes*. Embora sua função seja educativa e possa ser considerada como uma cartilha, é um Abc poético porque é uma obra poética alfabética formada por versos.



<http://weburbanist.com/2011/06/01/h-is-for-historic-2-incredible-19th-century-alphabets/>

A was an Archer

Traditional melody
edited by John Pitts

Doh is C

A was an ar - cher who shot at a frog,
B was a but - cher and had a great dog.
C was a cap - tain all cov - ered in lace,
D was a drunk - ard and had a red face.

E was an esquire, with pride on his brow,
F was a farmer, and followed the plow.
G was a gamester, who had but ill-luck,
H was a hunter, and hunted a buck.
I was an innkeeper, who loved to carouse,
J was a joiner, and built up a house.
K was King William, once governed this land,
L was a lady, who had a white hand.
M was a miser, and hoarded up gold,
N was a nobleman, gallant and bold.
O was an oyster girl going round town.

P was a parson, and wore a black gown.
Q was a queen, who wore a silk slip,
R was a robber, and wanted a whip.
S was a sailor, and spent all he got,
T was a tinker, and mended a pot.
U was an usurer, miserable elf,
V was a vintner, who drank all himself.
W was a watchman, and guarded the door,
X was expensive, and so became poor.
Y was a youth, that did not love school,
Z was a zany, a poor harmless fool.

Copyright © 2006 John Pitts
www.johnpitts.co.uk

Sua forma regular, seu paralelismo rítmico, a disposição das rimas emparelhadas e os ecos dão ao poema todo o seu caráter didático. O Alfabeto se desenrola a cada verso. O ritmo pode ser comparado a uma onda cujo auge é a palavra anunciada pela letra do alfabeto (A=Archer). As colcheias mantêm um ritmo regular que se conclui na

palavra-chave (rima e semínima pontuada ou seja (três colcheias)). O verso é recitado num tempo lento mas bem marcado (6/8, compasso composto e métrica binária).

<http://www.scoreexchange.com/scores/52543.html>

No segundo exemplo o andamento é lento, regular e uniforme característico da lamentação. O *ABC das Virtudes de Nossa Senhora* (SANTOS; BATISTA, 1993, p. 236 – 237) é uma *Exelência ou Incelência*⁵ cuja organização e a formulação tem caráter sagrado desempenhando dentro da comunidade uma função essencial. Esta oração fúnebre tradicional é uma recomendação das almas que acompanha os mortos. O ritmo é regular, o tempo é binário (2/4). Neste lamento, o fiel pede a intercessão da Virgem Maria para ajudar o morto a ir para o “outro lado da vida”.

⁵. Também cantada por António *Lunário Perpétuo*, Compact Disco Digital Audio, Manaus, 2002 que acentua a letra com um tempo mais longo do que nesta versão. Não há refrão somente uma estrofe que anuncia a oração. Reuni três versões: uma a partir da tradição oral, a segunda foi impressa numa peça de teatro escrita por Luiz Marinho e a terceira entrou num arranjo musical. A versão citada encontra-se no CD de António Nobrega e no <https://www.ouvirmusica.com.br/antonio-nobrega/192476/>. Sobre este assunto ver: SEMIK, V. L. D, “L’Exelência : un Abc poétique marial chanté dans le Nordeste brésilien par António Nóbrega”, file:///C:/Documents%20and%20Settings/V%C3%A9ronique/Mes%20documents/Downloads/A%20incel%C3%Aancia.pdf

O ABC das Virtudes de Nossa Senhora

Cantada por Umbelina Santana Travassos, de 82 anos em Pombal foi registrada com sua partitura no Cancioneiro da Paraíba

1. Diz um A a - ve Ma - ri - a Diz um B bon - do - sa, be - la Diz um C ca - ris - ma e gra - ça Diz um D di - vi - na es - tre - la
Diz um E es - pe - ran - ça nos - sa Diz um F fon - te de a - mor Diz um G gê - ni - o do be - m
Diz um H ho - nes - ta flor
I in - cen - so d' al - ma J jo - ta mi - mo - sa K ko - ro dos an - jos
L luz for - mo - sa 2. Diz um M mãe dos mor - ta - is Diz um N nu - vem de bri - lho
Diz um O o - rai por nós Diz um P por vos - sos fi - lhos
Q que - ri - da das vir - gens R re - mé - dio nos dias
S so - cor - rei - nos sem - pre T to - dos mor - ta - is

Diz o **A**...Ave Maria
Diz o **B**...bondosa e bela
Diz o **C**...carisma e graça
Diz o **D**...divina estrela

Diz o **E**...esperança nossa
Diz o **F**...fonte de amor
Diz o **G**...gênio do bem
Diz o **H**...honesto flor

Incenso d'alma
Jota mimosa
Koro dos Anjos
Luz Formosa

Diz o **M**...mãe dos mortais
Diz o **N**...nuvem de brilho
Diz o **O**...orai por nós
Diz o **P**...por vossos filhos

Querida das virgens
Remédio nos dias
Socorrei-nos sempre
Todos mortais

Ultimo dia
Vida fecunda
Xiros mistérios
Zelai pelo Mundo.

A letra assemelha-se às perolas de um terço que se desenrola aos poucos nos lábios daquele que pronuncia o canto. De “A a Z” é valorizada e personificada porque “diz” as virtudes da Virgem Maria letra por letra. Interessante observar que a palavra “diz” fecha a medida e a letra do alfabeto começa uma nova medida. No “refrão”, peculiar nesta versão, as letras do alfabeto não são conduzidas pela palavra “diz” e a valorização das palavras é produzida pela semínima que é uma figura musical mais longa, ela amplifica as sílabas e as palavras são prolongadas. O sentido é valorizado : ele faz menção do “outro lado da vida”.

A estrofe é descritiva : Incenso d'alma, Koro de anjos, Ultimo dia, Vida fecunda, Xiro mistérios.

Oriundo da tradição dos Abc poéticos líricos extraído do *Cancioneiro da Paraíba*, A *Cartilha de ABC* (SANTOS; BATISTA, 1993, p. 236) canta o amor e cada letra tem um significado: elas “querem dizer”... Como uma cartilha elas listam e enumeram procurando exercer uma ação pedagógica. Vão informando a amante como será amada pelo “eu lírico”. A execução é repetitiva a cada quatro versos, contudo o ritmo é variado e caracterizado pelas semíninas, colcheias, colcheias pontuadas e semi colcheias. O compasso é binário (2/4). Nota-se que as letras do alfabeto caem numa tônica e numa colcheia logo depois de uma seqüência de três semi-colcheias. A acentuação é mais forte, as rimas também são prolongadas (dois tempos) finalizando o verso. Este poema se inscreve num momento peculiar da comunidade que expressa a memória coletiva através da arte ou seja da poesia, da música e a dança⁶:

⁶. Poder-se ha ouvir uma versão dansada, tocada pelo grupo folclorico Da Boa Nova da Ilha da Madeira <https://www.youtube.com/watch?v=TJfn2hoprNc>

Cartilha de ABC

A letra **A** quer dizer amor perfeito
A letra **B** quer dizer um bem querer
A letra **C** quer dizer ser caridoso
A letra **D**, Deus te deve um bem formoso.



A letra **E** quer dizer ela
dizia
A letra **F** quer dizer
felicidade
A letra **G** quer dizer
guardar segredo
A letra **H**, hoje mesmo eu
tenho medo.

A letra **I** quer dizer idade
pouca
A letra **J** quer dizer juro
ser firme
A letra **K** quer dizer cair
macio
A letra **L**, é lembrança até
um dia;

A letra **M** quer dizer
minha querida
A letra **N** quer dizer não
sou ditoso
A letra **O** quer dizer ó lira
e bela
A letra **P**, para mim teu
olho vela.

A letra **Q** quer dizer quando veremos
A letra **R** quer dizer ramo de amor
A letra **S** quer dizer saúde tua
A letra **T**, ter amor até morrer.

A letra **U** quer dizer uma esperança
A letra **V** quer dizer veremos breve
A letra **X** quer dizer choro de dores
A letra **Z**, zelo com o nosso amor.

Enfim, estes três exemplos de Abc poéticos provenientes da tradição oral (literatura oral e popular) anglófona e lusófona com temáticas diferentes e legitimados em atividades coletivas diversas: educativa, religiosa e lúdica instruem com o acompanhamento da voz e de instrumentos musicais, os saberes tradicionais através da poesia. Neste momento de atividades comunitárias a tradição emerge com a performance que lhe dá força e estabilidade. A voz que atualiza a lírica popular apoiada pela tradição a torna legítima. Enfim, os Abc poéticos são peculiares porque escrita e oralidade, poesia e música formam um conjunto coeso e contínuo no qual o alfabeto dá ritmo ao discurso elaborando um código mnemotécnico. Em todos os textos apresentados pode-se pensar que a música surge como suporte do texto poético, ora percebe-se claramente que a poesia é música – “poesia-música” - porque oferece um material sonoro (seqüência alfabética, ecos, aliteraões, repetições, vogais tônicas, rimas, pontuação) interno do discurso. A melodia emerge , o alfabeto pontua e organiza as sonoridades que se transmutam em nota musicais, da voz que interpreta o texto vibra o ritmo interno e externo, a respiração individual e comunitária. Enfim, “La poésie et la musique partagent sans aucun doute une rythmique universelle, fondamentale, nous rappelant ce rythme latent dont parlait aussi augustin, il s’agit d’une disposition impliquant notre corps, notre mémoire, nos sens et notre esprit, engendrant du plaisir lorsqu’elle perçoit des mouvements rythmiques dans l’ordre des choses”. (POLLICINO, 2011, p.40)

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A.B.C. de Lucas da Feira* (nº 1.378). Salvador. s.e., s.d..

CAMPOS, Sabino. *O demônio Negro*. Rio de Janeiro. Pongetti, 1957.

DUTTON, Brian. *El cancionero del siglo XV, c. 1360-1520*. Salamanca. Biblioteca Española del siglo XV: Universidad de Salamanca, 1999, vol. 1, p. 30.

FONTES, Manuel da Costa. *Romanceiro da Ilha de São Jorge*. Coimbra. Universidade de Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigenses, s.d..

FONTES, Manuel da Costa; ARMISTEAD, Samuel G. ; KATZ, Israel. *Romanceiro Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico* (com uma bibliografia pan-hispânica e resumos de cada romance em inglês). Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1997.

LASSUS, Marie – Pierre. *Une philosophie des silences et des timbres*. Villeneuve d'Asq Presses Universitaires du Septentrion, 2010.

LEITE, José da Costa.. *A.B.C. do beijo* (nº2413). Editor José Alves Pontes, s.d..

NÓBREGA, António, *Lunário Perpétuo*. Compact Disco Digital Audio. Manaus. 2002. Disponível em <https://www.ouvirmusica.com.br/antonio-nobrega/192476/>.

OPIE, Iona; OPIE, Peter. *The Oxford Nursery Rhyme Book*. Oxford, New York. Oxford University Press, 1997.

POLLICINO, Simona. La notion de rythme entre poésie et musique, **Synergies Espagne**, p. 35- 41, nº4, 2011.

REBOUL, Edmond. *Musique et Poésie. Réflexion sur les rapports de la musique et de la poésie*. Nîmes. Lacour, 1996.

SANTOS, Idelette Fonseca dos Santos, BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. *Cancioneiro da Paraíba*. João Pessoa. GRAFSET, 1993.

SEMIK, Véronique Le Dü da Silva, *Lições em Poesia. O A.B.C. de cordel no Brasil: um Abc poético em folheto*. Lisboa. Coleção IELTsar se vai ao longe: Colibri, 2013.

SEMIK, Véronique Le Dü da Silva, L'Excelência : un Abc poétique marial chanté dans le Nordeste brésilien par António Nóbrega”, Julho 2013. Disponível em [file:///C:/Documents%20and%20Settings/V%C3%A9ronique/Mes%20documents/Downloads/A%20in%20ancel%C3%Aancia%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/V%C3%A9ronique/Mes%20documents/Downloads/A%20in%20ancel%C3%Aancia%20(1).pdf).

SORJAS, (org.). *Dois curiosos A.B.C. dos namorados. Recolhidos da tradição popular de Candido Seabra e seguido da nova designação das plantas e flores. Aumentado com o Noivado do Sepulcro de Soares de Passos*. Porto. António da Silva Santos & C^a, s.d., p. 2 – 3.

ZUMTHOR, Paul. *Essai de Poétique Médiévale*. Paris. Edition du Seuil, 1972.